

TRADUZIR FUENTES

Carlos Nougué

Há oito anos dou aula, de Tradução de Literatura Clássica, no curso de pós-graduação em Tradução do Espanhol da Universidade Gama Filho. Por vezes, porém, sou chamado a dar também aulas da cadeira de Tradução de Literatura Contemporânea, e nelas uso textos de vários autores modernos, entre os quais dois de Carlos Fuentes: um conto (de que particularmente gosto), “El que inventó la pólvora”, e uma novela, *La muñeca reina*.

Hoje, aos 61 anos e com quase 30 anos de tradução literária e filosófica, posso-me dizer bastante senhor de meus meios, e a tradução de Carlos Fuentes, conquanto sempre difícil, já a posso fazer com certa tranquilidade. Mas tive um grande defeito na vida: um dia fui jovem; e, jovem na década de 1980, queria porque queria que Vivian Wyler, da editora Rocco, me desse um livro para traduzir; jovem, estava convencido de que o poderia fazer às mil maravilhas. Mas Vivian certamente não o julgava assim, e durante quase uma década me assoberbou dos mais difíceis trabalhos de corrigir a tradução alheia. Somente no início da década de 1990 me deu um livro para traduzir, e que livro: um calhamaço de Carlos Fuentes, *Cristóvão Nonato*, de extrema dificuldade. Era a estranha história de uma gestação intrauterina, com seus nove meses; e levei quase exatos nove meses para terminar sua tradução, numa máquina de escrever elétrica alemã, com muito papel e abundância de Liquid Paper. Por esta tradução, ganhei um Prêmio Jabuti de 1993: com toda a sua sabedoria, Vivian Wyler me havia preparado por uma década para tal.

A história da gestação desta tradução daria outro calhamaço. Em um só livro, Fuentes percorre todos os falares do México, tanto em termos regionais como em termos sociais; é como uma radiografia do espanhol falado *a lo largo y a lo ancho* daquele país, incluindo o *spanenglish* fronteiriço. Ademais, que quantidade de comidas típicas e para nós tão estrangeiras: dos *tacos* às “formigas crocantes”, das pimentas de fazer dragões à *piña colada*, do *aceite* farto, um pouco como na nossa Bahia, aos *porotos saltarines*. Muito tempo depois, traduzindo com José Luis Sánchez o *Quixote* de Cervantes e ao deparar com um *duelos y quebrantos*, tive a inabalável certeza de que não se pode traduzir de maneira alguma o nome dos pratos típicos, a não ser que estes

de algum modo se naturalizem. Mas então, ao traduzir *Cristóbal Nonato*, que hesitação, que angustiante encruzilhada diante de cada comida mexicana! Como se fora pouco, porém, ainda me sobrecarregava Fuentes com as indumentárias próprias de seu país, ou com os nomes dados em seu país a roupas chamadas tão diferentemente nos demais países de fala hispânica. Como distinguir o que eram indumentárias típicas do que eram roupas universais apenas chamadas diferentemente no México? Lembremo-nos de que então, quando eu traduzia o longo romance de Fuentes, não tínhamos todas as fontes de consulta de que hoje dispomos nem os meios informáticos de que hoje tanto e tão rapidamente nos socorremos.

Sem dúvida alguma, todavia, o pior (ou quase) eram os muitos mexicanismos, as gírias ditas tão somente naquelas bandas do mundo, as expressões idiomáticas que podemos imaginar saindo de lábios à sombra de um enorme *sombrero* e não raro ao som de uma *guitarra*. Como saber seu significado? Ora, mediante uma multidão de idas molestas ao Consulado mexicano no Rio – molestas para aqueles pobres funcionários, que ainda por cima tinham de abrir-me um discreto sorriso protocolar e diplomático.

Mas disse eu acima: “quase pior”. Sim, porque com efeito o pior eram as invenções linguísticas de Fuentes. Não, Fuentes não é propriamente um Guimarães Rosa; de sua *fuelle* não jorra novos entes vocabulares a cada frase, como sucede num *Tutameia*. Em *Cristóvão Nonato*, porém, nosso mexicano caprichou e esforçou-se por assemelhar-se grandemente a seu par brasileiro, certamente porque sabia que eu estrearia na tradução vertendo seu livro e me quis dar um batismo de fogo... E sua profusão de calembures? Que diacho queria dizer ele com “*con su panza de jamón guay*” e coisas que tais? Aquela frase penso que a soube resolver, mas só o fiz no ato mesmo de entrega à editora do grande volume de folhas datilografadas e bastante retocadas. E ao fazê-lo, ao entregá-las superando ao mesmo tempo o meu último e mais doloroso momento do “trabalho de tradução”, que sensação de alívio pós-parto!

Nos anos seguintes, e até hoje, traduzi muitos livros de Carlos Fuentes, sempre para a editora Rocco. O entendimento de sua literatura e linguagem tornou-se-me quase conatural. Mas nunca poderei esquecer a verdadeira gestação de um tradutor que foi o traduzir nove meses a fio seu *Cristóvão Nonato*. Neste sentido, não posso senão ser-lhe imensamente grato.